

A nota de conjuntura deste mês analisa as estratégias que os laticínios estão adotando com relação à seleção de seus produtores fornecedores.

Os dados dos maiores laticínios do Brasil evidenciam que, ao longo dos últimos 10 anos, houve uma clara preferência pelos fornecedores com maior escala de produção. Empresas laticinistas com grande tradição no mercado brasileiro, entre 2010 e 2017, reduziram de 40 a 66% o número de seus fornecedores, ao mesmo tempo em que aumentaram a escala por produtor de 35% a 192%, dependendo do laticínio.

As estratégias de longo prazo de redução do número de produtores e aumento de escala dos que entregam leite nos grandes laticínios parecem bastante consolidadas. Contudo, podem ser observadas estratégias diferentes, notadamente nos laticínios que buscam crescimento rápido e aumento de *market share*. Todavia acredita-se que essa estratégia é temporária e de alcance amplamente planejado, já que essas empresas também proporcionam bônus por volume e qualidade.

Destaca-se que a escala média dos produtores nesses grandes laticínios é ainda muito baixa em relação a tradicionais países produtores e exportadores mundiais como Estados Unidos, Nova Zelândia e Argentina. Todavia, a média de produção dos 100 maiores produtores brasileiros, em 2018, foi de 19.238 litros/dia, crescendo de forma acentuada, notadamente após 2015. Esse mesmo levantamento (TOP 100 Milkpoint) evidenciou crescimento da produção média diária de 194% em relação a 2001. Já o crescimento da produção de leite inspecionado, no mesmo período, foi de 85,2%, e o da produção total, apenas 63,3%. Além do crescimento acima dos demais segmentos produtivos, esses produtores têm melhor qualidade da matéria prima. A média de Contagem de Células Somáticas (CCS) dos Top 100 foi de 284.633 células/ml e a Contagem Bacteriana Total (CBT) de 17.548 UFC/ml. Qualidade da matéria prima tem relação direta com rendimento industrial que é de elevado interesse dos laticínios. Isto implica em fortalecimento do poder de mercado dos grandes produtores que já obtém preço, geralmente, 30% acima da média do mercado. Assim, como o volume e qualidade são importantes, os laticínios com elevada capacidade ociosa (capacidade utilizada ao redor de

70%), não podem prescindir do grande produtor e pagam mais para garantir sua fidelização.

No entanto, vale destacar que nos últimos três anos, os laticínios têm trabalhado com margens muito baixas e em algumas situações, negativas. Em maio, no mercado de UHT, descontando do preço da indústria o valor pago ao produtor e a embalagem, sobrou, em média, 36 centavos/litro para pagar custos de frete e processamento industrial. No muçarela, a sobra foi de apenas 24 centavos/litro equivalente quando se desconta apenas o custo da matéria prima.

Na condição de importador líquido de lácteos, outra variável relevante para a cadeia produtiva do leite é a diferença entre o preço da matéria prima importada (leite em pó) e o preço pago ao produtor nacional. O importado está US\$ 0,10/litro menor que a média do preço pago ao produtor brasileiro. Havendo disponibilidade de leite no Mercosul poderá ocorrer aumento mais forte das importações nos próximos meses.

O patamar de preços pagos aos produtores, no entanto, estará de certa forma atrelado ao preço de internalização do produto importado. Preços maiores aos produtores nacionais podem incentivar a indústria a optar pela importação. Em condições de livre comércio, o preço internacional estará sempre pressionando os preços no mercado interno. Portanto, o caminho para a produção primária nacional é a contínua busca por eficiência e redução de custos, o que pode ser viabilizado pela combinação de estratégias de ganho de produtividade, aumento de escala e melhoria na qualidade da matéria prima. Para os laticínios, fidelização de fornecedores, rendimento industrial, aumento de escala e melhorias na logística devem ser prioridades.

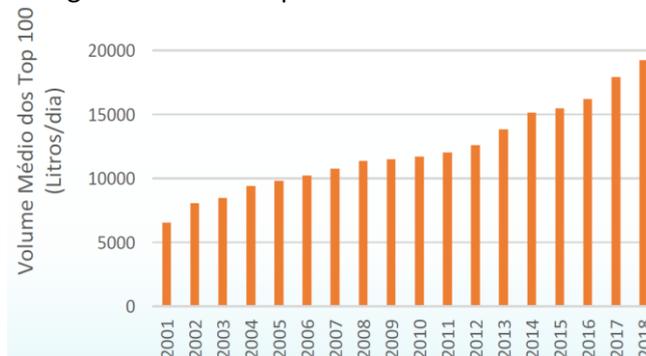


Figura 1. Evolução da produção média de leite por produtor - TOP 100, em litros/dia. Fonte: Milkpoint